



## ENQUADRAMENTO DA VIOLÊNCIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DAS CAPAS DA VEJA EM 2019

Valesca Soares Consolaro<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo geral deste trabalho é analisar o enquadramento da violência nas capas do semanário de máxima tiragem e circulação no Brasil: a revista Veja. Enquanto objetivos específicos, busco contribuir com reflexões em torno das especificidades do discurso político-midiático e problematizar as estratégias discursivas empreendidas na produção de sentidos das materialidades linguísticas selecionadas. Como recorte de uma pesquisa maior e com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa, mais afinada aos Estudos Discursivos Foucaultianos, meu foco recai sobre as capas de 26 edições veiculadas de janeiro a junho de 2019. A escolha do período favorece o delineamento dos caminhos percorridos pela mídia na *escrita da história* (DE CERTEAU, 2011) dos primeiros meses após o resultado do pleito presidencial de 2018. Os resultados explicitam que o periódico enquadra a violência como forma de relacionar o governo com os acontecimentos evidenciados nas capas, e não de levantar reflexão do assunto propriamente dito.

**Palavras-chave:** Discurso político-midiático. Violência. Mídia impressa.

### **FRAMING ON VIOLENCE: A DISCURSIVE ANALYSIS ON VEJA COVERS IN 2019**

**Abstract:** *This work aims to analyze the framing on covers of the weekly magazine with the highest edition and circulation in Brazil: Veja magazine. As specific objectives, I look for contributing with reflections around the specificities of the political-media discourse, and to problematize the discursive strategies undertaken in the meaning productions of the linguistic materialities selected. As part of a larger research and based on the theoretical and methodological assumptions of French Line Discourse Analysis, more in tune with Foucault's discursive studies, my focus is on covers of 26 editions published from January to June 2019. The decision for the period favors the outline of paths taken by media in the writing of history (DE CERTEAU, 2011) of the first months after the presidential election results of 2018. My conclusions show that the magazine frames violence as a way of associating the matter to the government, and not to raise reflections on the subject itself.*

**Keywords:** *Political-media discourse. Violence. Print media.*

---

<sup>1</sup> Formada em Jornalismo, mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens - FAALC/UFMS, sob orientação da prof<sup>a</sup>. Dra. Elaine de Moraes Santos. O presente trabalho foi realizado com apoio da CAPES - Código de Financiamento 001. ORCID: 0000-0002-3675-0394. E-mail: consolarovalesca@gmail.com.

## Considerações iniciais

O objetivo geral deste trabalho é analisar o *enquadramento* (PORTO, 2004) da violência nas capas do semanário de maior tiragem e circulação no Brasil: a revista Veja. Como recorte de uma dissertação de mestrado, com o título “Estereótipo social e violência simbólica no *Twitter*: uma análise dos discursos de/sobre professores universitários no Brasil”, em que são analisados os discursos de ódio em circulação nessa rede social, bem como a forma com que eles constituem uma espécie de violência, além das influências do poder, da mídia e da história sobre os mesmos. Assim, no estudo em questão, meu foco recai acerca das capas de 26 edições publicadas entre janeiro e junho de 2019, permitindo a percepção dos caminhos percorridos pelo jornalismo na *escrita da história* (DE CERTEAU, 2011) após o resultado do pleito presidencial de 2018. Para tanto, aciono os pressupostos dos Estudos Discursivos Foucaultianos.

A pesquisa surge de uma inquietação começando pelo que percebi ser um projeto equivocado de combate ao crime nos primeiros seis meses de 2019, com início do mandato de Jair Messias Bolsonaro. A nova legislação tem como principais pontos alterações do Código Penal e da Lei de Execuções Penais em relação à legítima defesa, tempo de cumprimento de penas, comércio ilegal de armas de fogo, entre outras questões<sup>2</sup>. Dado o contexto, noto que a manifestação de apoio de seus eleitores ao armamento da população e à aprovação de leis menos brandas no tratamento com criminosos, em conformidade ao proposto no pacote anticrime<sup>3</sup>, em vigor desde 23 janeiro de 2020, são ações que, em si só, não garantem a segurança. Reflexo das atividades do primeiro semestre de 2019, a maioria das capas da revista Veja destacou o governo como objeto principal.

Diante do cenário descrito, em minha proposta, primeiramente, situo as *condições de possibilidade* (FOUCAULT, 1971), no que tange à questão ontológica da pesquisa, isto é, na articulação entre o jornalismo impresso, a informação produzida sobre o fenômeno da violência e os aspectos políticos em voga no período supracitado. Na sequência, apresento a metodologia utilizada, com base no recorte do *arquivo* midiático em um *corpus* formado por três edições do periódico. Por fim, analiso sentidos produzidos nas materialidades discursivas selecionadas.

<sup>2</sup> Informações sobre o projeto. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/12/11/senado-aprova-projeto-que-endurece-a-legislacao-contr-o-crime-texto-vai-a-sancao.ghtml>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

<sup>3</sup> Legislação na íntegra. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/lei/L13964.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13964.htm)>. Acesso em: 06 jun. 2020.

## 1. Violência e(na) mídia

O incentivo ao armamento da população brasileira ganha destaque a partir do Decreto n. 9.685/2019, de 15 de janeiro de 2019, conforme proposto pelo governo de Bolsonaro como forma de proporcionar maior sensação de segurança, aos chamados por ele como “cidadãos de bem”. O acesso a armas de fogo, segundo uma publicação no site da Organização das Nações Unidas (ONU) Brasil, é uma das principais causas de assassinatos no mundo<sup>4</sup>. O assunto divide opiniões, tendo em vista a incidência de índices<sup>5</sup> confirmando a agressividade de usos com finalidades ilegais e bastante recorrentes: ferir ou matar. A pauta sobre a flexibilização da posse armamentícia foi um dos principais interesses levantados na campanha eleitoral de 2018, e tal facilidade é uma conquista da aliança político-partidária conhecida como “bancada da bala”<sup>6</sup>.

Na disputa de sentidos, a imersão do trabalho é feita com base no *enquadramento* midiático (WOLF, 2002; AZEVEDO, 2004). Wolf (2002, p. 145) destaca a hipótese do agendamento com base na ideia de existirem certos temas organizados e integrados “numa teoria geral sobre a mediação simbólica e sobre os efeitos de realidade exercidos pelo *mass media*”. Trata-se de um dispositivo relacionado à maneira de a mídia pautar os assuntos nos ambientes de convívio social. A esse respeito, é preciso marcar que, segundo Foucault (2018, p. 52), o discurso verdadeiro é produzido com base em múltiplas relações de força, resultantes do “estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro”. Assim, engendrado nos efeitos de poder (FOUCAULT, 2018) versados pelo filósofo francês, o conteúdo veiculado nas mídias tradicionais adquire título de verdade, sobretudo quando passa a ser reproduzido pelas pessoas no cotidiano.

## 2. Metodologia

O processo de pesquisa e construção do arquivo perpassa pelo olhar da analista, que é trabalhado conforme experiências subjetivas e individuais, assim, existe a possibilidade do surgimento de diferentes gestos de interpretação e contribuições a respeito de um determinado assunto. Logo, procedo aqui a uma análise procurando

---

<sup>4</sup> Informação disponível em: <<https://nacoesunidas.org/brasil-sobe-duas-posicoes-e-passa-a-ter-7a-maior-taxa-de-homicidios-das-americas-diz-oms/>>. Acesso em: 10 set. 2019.

<sup>5</sup> O número de pessoas assassinadas com armas de fogo cresceu 6,8% no Brasil entre 2016 e 2017, de acordo com dados do Atlas da Violência de 2019, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

<sup>6</sup> Bancada da bala é o nome, de caráter pejorativo, dado à frente parlamentar composta por políticos que defendem armamento civil, flexibilização de leis e políticas armamentícias.

problematizar os significados em relação à escrita e à “reprodução da realidade” na revista *Veja*, especificamente em seu conteúdo de capa.

A começar por um exercício analítico, construí um dispositivo, em que pensei nos sentidos possíveis ao *arquivo* formado pelas capas da revista, em 2019. Definido por Foucault (2008, p. 148) como “o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados”, meu olhar para o arquivo composto pelos 26 exemplares de capas da *Veja*, primou pela leitura de seu enfoque temático, pois, do montante pesquisado, 23 tiveram conteúdos relacionados ao governo, ou seja, – 88,4% das edições. Para o manuseio das materialidades, recorri ao site do semanário e adotei o uso de *prints* como mecanismo de obtenção da melhor resolução nas imagens.

Como *corpus*, selecionei as capas correspondentes aos dias 23 de janeiro (ed. 2618), 20 de março (ed. 2626) e 17 de abril (ed. 2630), conforme o critério de *regularidade*, (FOUCAULT, 2008), o qual consiste em determinar “entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, uma ordem em seu aparecimento sucessivo” (FOUCAULT, 2008, p. 42). Os critérios de seleção foram, portanto: a) capa com agendamento sobre o governo; b) discursivização da violência.

Posteriormente, parti para a observação da *dispersão* (FOUCAULT, 2008, p. 61), ou seja, a “determinação da descontinuidade, um afastamento, uma incompatibilidade entre formações discursivas”, manifestada no enquadramento das materialidades. Nesse quesito, embora todas as capas toquem no tema de armamento, elas se diferenciam no tratamento do assunto.

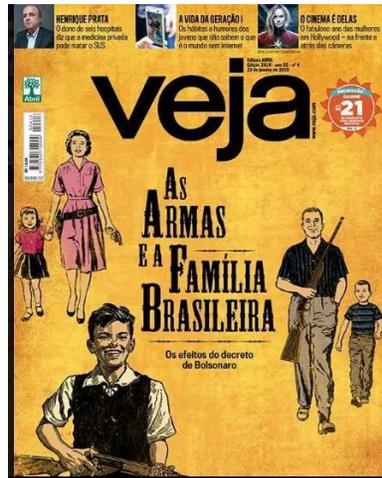
Em suma, entre regularidades e dispersões, vejo a prática discursiva jornalística, com Foucault (2018), enquanto o *lugar de subjetivação* dos sujeitos. Nas palavras de Gregolin (2015, p. 194), engendrar tal lugar na ótica empreendida pelo filósofo francês é um convite “à construção de objetos discursivos numa tríplice tensão entre a sistematicidade da linguagem, da historicidade e da produção de subjetividades”.

### 3. Análise e discussão

Em um periódico que aborda, na maioria de suas edições, assuntos de natureza política, encontro espaço de observação dos sentidos sobre violência. As capas selecionadas como *corpus* analítico foram veiculadas na revista *Veja* e são tratadas por Sequências Enunciativas (SE) I, II e III – conceito ligado à relação entre o discurso e as práticas sociais de um determinado momento histórico, local, econômico, linguístico

(FOUCAULT, 1971). A primeira SE é a capa do dia 23 de janeiro de 2019. Nela, está em destaque o enunciado “as armas e a família brasileira: os efeitos do decreto de Bolsonaro”. O texto acompanha a figura de adultos armados ao lado de crianças. Em primeiro plano, há um menino sorrindo e segurando uma arma, retratando a naturalização do armamento da família brasileira.

Figura 1 – SE I



Fonte: Print produzido pela autora<sup>7</sup>.

É, então, acionada na imagem a memória social, constituída pela *memória mítica* e *histórica* (GREGOLIN, 2000), possibilitando modos de leitura que se alternam com o passar do tempo. No discurso da mídia, a interpretação está no espaço criado entre enunciador e leitor, uma vez que “os sujeitos constroem sua identidade na relação com o outro, na inserção de uma alteridade que desenha os contornos do espaço discursivo no fluxo histórico” (GREGOLIN, 2000, p. 25).

Logo, na ilustração, há características parecidas com o estilo estético norte-americano dos anos 1950, comum em campanhas sobre a família – algo perceptível, por exemplo, nas roupas dos sujeitos, em seus cortes de cabelo e no porte de armas antigas. Essa marca pode se relacionar ao fato de o presidente Jair Bolsonaro valorizar os ideais norte-americanos e seu modo de fazer política: com pronunciamentos em redes sociais, os discursos nacionalistas, a defesa dos costumes tradicionais, a exaltação às forças armadas e a retórica agressiva. Tais questões servem de base para compreender a aspiração de Bolsonaro de armar a população e promover ideais tradicionais. Nesse sentido, percebemos, no enquadramento escolhido, uma significação apontada ao

<sup>7</sup> A capa pode ser consultada em: <<https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/>>. Acesso em: 05 set. 2019.

retrocesso das representações sociais em função do projeto de governo e dos ideais do presidente.

A segunda SE, por sua vez, foi publicada no dia 20 de março, com a seguinte manchete: “Barbárie planejada, o isolamento social, o fascínio pelas armas e as ideias extremas dos assassinos de Suzano. A vida e o sonho das oito vítimas do massacre. Por que o Brasil está importando esse tipo de crime”. O texto acompanha uma imagem do acontecimento de repercussão nacional: o Massacre de Suzano. No ocorrido, dois atiradores, ambos ex-alunos, mataram cinco estudantes e duas funcionárias da Escola Estadual Professor Raul Brasil, localizada no município de Suzano – Região Metropolitana de São Paulo.

Figura 2 – SE II



Fonte: Print produzido pela autora<sup>8</sup>.

Mais ao final da página, o questionamento “Por que o Brasil está importando esse tipo de crime”<sup>9</sup> mobiliza efeitos de permissividade no país quanto à adesão à violência. Consequentemente, tais movimentos acontecem porque alguém está buscando por ou “importando” a violência. Os sentidos estabilizados direcionam ao Estado a responsabilidade pela promoção dos posicionamos da capa, pois, ao falar do “Brasil”, entendemos o termo no sentido de nação, a qual é representada por um governo associado à liberação armamentícia.

<sup>8</sup> A capa pode ser consultada em: <<https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/>>. Acesso em: 05 set. 2019.

<sup>9</sup> É importante ressaltar que não há um ponto de interrogação indicando uma pergunta no enunciado da capa, porém o uso do “por que”, de forma separada, indica semanticamente se estar diante de um questionamento que, no caso, aparece com teor de pergunta retórica.

Tal permissividade e sua relação com o Estado fica em destaque ao vermos a escolha da expressão: “fascínio por armas” e “ideias extremas”, em virtude de a primeira referência ter relação com o crescente aumento do interesse por armas, enquanto a segunda faz juz ao fato de o presidente defender ideias radicais diante de questões sociais e humanitárias. Com Foucault (1971), vemos o dizer da mídia como uma *ordem do discurso*, apontando o enunciável e o visível da materialidade. Ao questionar o leitor sobre a “barbárie planejada e o fascínio pelas armas”, o texto se enquadra, no tocante à realidade atual, enquanto verdade aceita, levando à reflexão sobre a naturalização cotidiana e apontando a cumplicidade do Estado com a violência instalada.

A SE III, por sua vez, passou a circular com a edição de 17 de abril de 2019, destacando o seguinte enunciado: “Oitenta tiros: por engano, o Exército fuzila um músico. Nenhuma autoridade pede desculpa pela tragédia. Para onde vamos?”. A escrita acompanha uma imagem da bandeira do Brasil, utilizada na campanha eleitoral de Bolsonaro, em 2018, para atrair eleitores a partir de um discurso nacionalista, com o *slogan* de campanha: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Inclusive, após assumir o mandato, o presidente permaneceu se apropriando do símbolo nacional. Na capa, a bandeira é representada com manchas de sangue, marcas de violência e morte ocasionada em ação de atiradores.

Figura 3 – SE III



**Fonte:** Print produzido pela autora<sup>10</sup>.

Na Se III, a *Veja* está criticando, mais um vez, o posicionamento do líder de Estado – o qual, na época, não quis se manifestar sobre o caso, nem mesmo nas redes

<sup>10</sup> A capa pode ser consultada em: <<https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/>>. Acesso em: 05 set. 2019.

sociais onde o presidente mantinha sua maior interação com os brasileiros, sobre assuntos diversos. Após as cobranças, Bolsonaro, em entrevista, chama o ocorrido de “incidente” e afirma que “o exército é o povo”<sup>11</sup>.

Ainda, na crítica ao nacionalismo, acompanhada do efeito de naturalização da violência, a discursividade ganha sentido contrário ao que o governo diz buscar promover: segurança. A contradição é evidenciada para refletirmos sobre quem são os sujeitos expostos ao cotidiano violento e a quem o governo busca oferecer segurança. No fato destacado em capa, houve a morte de uma pessoa inocente, algo que abre uma lacuna para pensarmos sobre os critérios adotados como medidas de combate ao crime, pois tanto nesta SE, como as SEs I e II mostram como a questão vai além de um simples efeito.

Uma vez que o controle é tido como dispositivo no qual o poder desliza por/entre seus meios, recorro às palavras de Foucault (2012, p. 132) a fim de ressaltar como “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Retomando as discussões travadas no tópico 1, vejo que o contexto histórico de violência no país é marcado por relações de força e poder. Considerando com Foucault (2018), a noção de verdade como construção histórica, defendo que a mídia assume papel preponderante na construção de efeitos de realidade, além de contribuir para escancarar problemas sociais diversos, principalmente quando a tônica está ligada a situações de violência ou ao abuso de poder em nome da segurança e normalidade idealizadas.

Acerca do enquadramento utilizado pela revista, em apenas uma capa (SE I), há citação direta ao nome de Jair Bolsonaro. Nas outras duas, ao contrário, encontrei menção genérica ao representante de Estado, por meio da designação “Brasil”, na qualidade de nação, além do uso do enunciado “Nenhuma autoridade pede desculpas”. A abordagem em torno da violência surge também de forma dispersa, na primeira SE, apresentada com caráter mais simbólico. Nas demais, SEs II e III, as publicações somente tocam na questão da violência física e na retratação de acontecimentos reais.

## Considerações finais

A partir do meu gesto interpretativo sobre as capas da revista *Veja*, a análise do enquadramento sobre violência e governo aponta a existência de *regularidades* no

<sup>11</sup> Entrevista na íntegra. Disponível em: <[https://www.huffpostbrasil.com/entry/bolsonaro-80-tiros-exercito\\_br\\_5cb0ced1e4b098b9a2d3610e](https://www.huffpostbrasil.com/entry/bolsonaro-80-tiros-exercito_br_5cb0ced1e4b098b9a2d3610e)>. Acesso em: 05 jun. 2020.

aparecimento de questões em torno do uso/posse de armas, através das linguagens verbal e visual do periódico. A *dispersão*, por sua vez, consiste no próprio enquadramento midiático dos assuntos, levando em conta os recursos visuais e textuais utilizados. No batimento entre os dois processos discursivos, embora os enunciados perpassem a escolha temática em torno da violência e do papel do governo no processo, há na prática discursiva jornalística espaço para leituras subjetivas, as quais vão depender de quem tem acesso a tais materiais.

Por fim, destaco que as interferências do poder e suas responsabilidades a respeito de tal problemática são colocadas em pauta, considerando o discurso agressivo do presidente e de parte de seus apoiadores, além das possíveis estratégias de poder por meio do efeito de insegurança veiculado. Ao enquadrar apenas o governo como principal gatilho de violência, a mídia impressa contribui para a ausência de reflexões específicas sobre o assunto, não destacando outros pontos que poderiam ser evidenciados no combate à violência social que enfrentamos no dia a dia.

## Referências

AZEVEDO, F. A. O agendamento na política. In: RUBIM, A. A. C. (Org.). **Comunicação e política**: conceitos e abordagens. Ed. Unesp e UFBA, 2004, p. 41-71.

DE CERTEAU, M. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France. Pronunciada em 2 dez. 1970. São Paulo: Loyola, 1971.

\_\_\_\_\_, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_, M. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. 40. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_, M. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 8. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra: 2018.

GREGOLIN, M. do R. V. Recitações de mitos: a História na lente da mídia. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Filigramas do discurso**: as vozes da história. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000. p. 19-34.

\_\_\_\_\_, M. do R. Discursos e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na web. In: FLORES, G. G. B. (et al). (Orgs.). **Análise do discurso em rede: cultura e mídia**. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 191-211.

PORTO, M. Enquadramentos da Mídia e Política. In. RUBIM, A. A. C. (org.). **Comunicação e Política: Conceitos e Abordagens**. Salvador: Edufa, 2004, p. 73- 104.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2002.